A IMPORTÂNCIA DA MEDIAÇÃO DE CONFLITOS E DA COMUNICAÇÃO NÃO VIOLENTA (CNV) NO AMBIENTE ESCOLAR

GEMIMA CRISTINA DE OLIVEIRA CAVALCANTI

RESUMO
O presente artigo discute a importância da mediação de conflitos e da comunicação não violenta (CNV) no ambiente escolar, destacando seu papel na promoção de um clima institucional mais democrático, empático e inclusivo. Inicialmente, apresenta-se a mediação como uma estratégia preventiva, capaz de fomentar o diálogo, fortalecer vínculos e minimizar episódios de violência. A mediação é analisada também como instrumento de gestão democrática, uma vez que contribui para o empoderamento dos alunos e o fortalecimento das relações interpessoais. Em seguida, o texto aborda os principais elementos da CNV, aplicados às relações entre professores, alunos, gestores e comunidade escolar, evidenciando como a escuta ativa, a empatia e a expressão clara de sentimentos e necessidades são fundamentais para a construção de uma cultura de paz. O artigo defende que práticas mediadoras e comunicacionais eficazes são essenciais para o desenvolvimento integral dos estudantes e para a consolidação de uma escola mais humana, participativa e voltada para a convivência saudável.

PALAVRAS-CHAVE: Mediação de Conflitos; Comunicação Não Violenta; Gestão Democrática; Clima Escolar; Habilidades Socioemocionais.

ABSTRACT
This article discusses the importance of conflict mediation and nonviolent communication (NVC) in the school environment, highlighting its role in promoting a more democratic, empathetic and inclusive institutional climate. Initially, mediation is presented as a preventive strategy, capable of fostering dialogue, strengthening bonds and minimizing episodes of violence. Mediation is also analyzed as an instrument of democratic management, since it contributes to the empowerment of students and the strengthening of interpersonal relationships. The text then addresses the main elements of NVC, applied to the relationships between teachers, students, managers and the school community, highlighting how active listening, empathy and the clear expression of feelings and needs are fundamental to building a culture of peace. The article argues that effective mediation and communication practices are essential for the integral development of students and for the consolidation of a more humane, participatory school focused on healthy coexistence.

KEYWORDS: Conflict Mediation; Nonviolent Communication; Democratic Management; School Climate; Socioemotional Skills

RESUMEN
Este artículo analiza la importancia de la mediación de conflictos y la comunicación no violenta (CNV) en el ámbito escolar, destacando su papel en la promoción de un clima institucional más democrático, empático e inclusivo. Inicialmente, la mediación se presenta como una estrategia preventiva, capaz de fomentar el diálogo, fortalecer vínculos y minimizar los episodios de violencia. La mediación también se analiza como un instrumento de gestión democrática, ya que contribuye al empoderamiento del estudiantado y al fortalecimiento de las relaciones interpersonales. El texto aborda luego los principales elementos de la CNV, aplicados a las relaciones entre docentes, estudiantes, directivos y comunidad escolar, destacando cómo la escucha activa, la empatía y la expresión clara de sentimientos y necesidades son fundamentales para construir una cultura de paz. El artículo argumenta que las prácticas efectivas de mediación y comunicación son esenciales para el desarrollo integral de los estudiantes y para la consolidación de una escuela más humana, participativa y enfocada en la sana convivencia.

PALABRAS CLAVE: Mediación de conflictos; Comunicación No Violenta; Gestión Democrática; Clima Escolar; Habilidades socioemocionales

INTRODUÇÃO

A escola, enquanto espaço formador de sujeitos sociais, é palco diário de interações, convivências e, inevitavelmente, conflitos. Longe de representarem apenas rupturas ou tensões, os conflitos podem ser compreendidos como oportunidades pedagógicas para o exercício do diálogo, da escuta e da construção coletiva de soluções. Nesse cenário, a mediação de conflitos e a comunicação não violenta (CNV) despontam como ferramentas indispensáveis para a promoção de uma cultura de paz e para o fortalecimento das relações interpessoais no ambiente escolar.

A implementação de práticas mediadoras nas instituições educativas não deve ser entendida apenas como uma estratégia reativa, voltada à resolução de impasses, mas sobretudo como uma proposta preventiva e formativa. Ela propicia o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, como empatia, autorregulação, cooperação e respeito à diversidade, valores essenciais para a construção de ambientes democráticos e inclusivos. Conforme aponta Freire (1996), educar é também um ato político que exige escuta, diálogo e compromisso com a transformação das relações humanas.

Além disso, a mediação e a CNV têm se mostrado aliadas de uma gestão escolar participativa, que reconhece alunos, professores, gestores e comunidade como protagonistas na construção de um clima organizacional positivo. Nessa perspectiva, a escola deixa de ser um espaço hierárquico e verticalizado para se constituir como território de escuta, acolhimento e corresponsabilidade.

Este artigo, portanto, propõe refletir sobre a mediação de conflitos e os elementos da comunicação não violenta como pilares de uma gestão democrática eficaz. Analisa-se como essas práticas podem ser integradas à rotina escolar, contribuindo para a formação de cidadãos mais conscientes, colaborativos e autônomos. A investigação baseia-se em referências teóricas e experiências pedagógicas que reafirmam a importância de transformar a cultura escolar por meio do diálogo e da convivência ética.

MEDIAÇÃO DE CONFLITO

A implementação da mediação de conflitos nas escolas pode acontecer através de diferentes etapas:

Capacitação da Equipe Escolar: O primeiro passo é capacitar docentes, funcionários e gestores para que compreendam os princípios da mediação e desenvolvam competências nessa área. Isso inclui treinamento sobre comunicação não violenta, empatia, habilidades de escuta e resolução de conflitos. Segundo Miguel (2007), “o sucesso da mediação depende da formação e do comprometimento dos mediadores”.

Criação de um Programa de Mediação: As escolas devem desenvolver um programa estruturado de mediação, que inclua políticas claras sobre como os conflitos devem ser geridos. Isso pode envolver a elaboração de um regulamento que defina as etapas da mediação, os papéis dos mediadores e as consequências para comportamentos indesejados.

Estabelecimento de Espaços de Diálogo: Criar espaços físicos e temporais para a mediação, como salas de apoio ou momentos designados durante a aula, permite que alunos e professores se reúnam para discutir suas diferenças em um ambiente seguro.

Envolvimento da Comunidade Escolar: É fundamental que usuários da escola, como pais e alunos, sejam envolvidos no processo de mediação, por meio de assembleias e reuniões abertas, que possibilitam a construção de laços de confiança e transparência.

O CARÁTER PREVENTIVO DA MEDIAÇÃO

A mediação não deve ser vista apenas como uma solução para conflitos já estabelecidos, mas como uma poderosa ferramenta de prevenção. A prática sistemática da mediação contribui para a antecipação e precaução de violências, que frequentemente podem emergir de desentendimentos não resolvidos. A seguir, são apresentados alguns elementos chave da mediação preventiva:

Cultura de Diálogo: Promover um ambiente onde o diálogo é encorajado e as diferenças são discutidas abertamente é crucial. Ao incentivar os alunos a expressar seus sentimentos em ambientes seguros, as escolas podem prevenir a escalada de conflitos. O filósofo e educador Paulo Freire (1996) enfatiza que “a verdadeira educação deve ir além da mera instrução, envolvendo a construção de conhecimento por meio do diálogo”.

Intervenção Rápida: Em situações de tensão, é importante que a equipe escolar intervenha rapidamente para evitar que questões menores se transformem em conflitos sérios. O uso de mediadores, sejam eles alunos treinados ou professores, pode ser fundamental neste momento.
Promoção de Habilidades Socioemocionais: A educação para a resolução de conflitos e habilidades socioemocionais deve ser parte integrante do currículo. Ensinando os alunos a identificar e gerenciar suas emoções, a escola não só melhora a convivência, mas também prepara os alunos para lidarem com conflitos fora do ambiente escolar. Como destacado por Zins et al. (2004), "promover habilidades socioemocionais é vital para o desenvolvimento integral dos alunos e para a construção de um ambiente escolar positivo".
Ações Conjuntas com a Comunidade: A mediação também pode ser reforçada por ações que envolvam a comunidade, como palestras e oficinas sobre resolução de conflitos e convivência pacífica, permitindo que todo o ambiente escolar, incluindo os familiares, se torne um aliado na construção de um clima de paz.

A MEDIAÇÃO COMO FERRAMENTA DE GESTÃO DEMOCRÁTICA
A mediação de conflitos interesse em um modelo de gestão democrática, onde todos os stakeholders da escola se sentem parte do processo decisório e da construção do conhecimento. Isso se traduz em benefícios diretos:
Empoderamento dos Alunos: Ao participar ativamente da resolução de seus próprios conflitos, os alunos desenvolvem um senso de responsabilidade e autonomia. Essa prática fomenta o respeito mútuo e a colaboração, além de estimular habilidades críticas que são essenciais para a convivência em sociedade.
Reforço das Relações Interpessoais: A mediação ajuda a fortalecer as relações entre alunos, professores e a comunidade, uma vez que a comunicação aberta e respeitosa diminui as barreiras e promova a empatia. "Um ambiente escolar baseado na solidariedade e no respeito reduz o potencial para violência e conflitos" (Nabors, 2008).
Clima Escolar Positivo: A eficácia da mediação, apoiada por um trabalho contínuo na construção de um clima escolar favorável, resulta na diminuição de comportamentos agressivos e na promoção de um ambiente harmonioso, onde todos têm voz e vez. Assim, a gestão democrática emerge não apenas como uma filosofia, mas como uma prática efetiva que se reflete no cotidiano escolar.
ELEMENTOS DA COMUNICAÇÃO NÃO VIOLENTA (CNV) NO COTIDIANO ESCOLAR

RELAÇÃO ENTRE PROFESSORES E ALUNOS
Observação Sem Julgamento: Os professores podem começar a observar comportamentos ou situações sem emitir julgamentos. Por exemplo, ao notar que um aluno está se comportando de forma disruptiva, o professor pode dizer: "Notei que você está conversando enquanto explico a atividade." Essa observação objetiva ajuda a evitar que o aluno se sinta atacado ou envergonhado e abre espaço para o diálogo.
Expressão de Sentimentos: Os professores devem se sentir confortáveis para expressar seus sentimentos de maneira honesta. Ao invés de dizer, "Você me desrespeita!", podem dizer: "Quando vejo você se distraindo, fico preocupado em relação ao seu aprendizado." Essa abordagem facilita a empatia e a responsabilidade mútua.
Identificação de Necessidades: É importante que os professores conectem os sentimentos às necessidades. Por exemplo, "Eu preciso que você preste atenção para que todos possamos aprender juntos." Isso ajuda os alunos a entenderem a importância da colaboração em sala de aula.
Formulação de Pedidos Claros: Os pedidos devem ser específicos e realizáveis. Por exemplo: "Você pode, por favor, não conversar durante a explicação?" Isso evita ambiguidades e dá aos alunos uma chance clara de atender ao pedido.
"A CNV é uma maneira de comunicar-se que promove a empatia e a compreensão, permitindo que as pessoas se conectem mais profundamente" (Rosenberg, 2003, p. 50).

RELAÇÃO ENTRE GESTORES E ALUNOS
Cultura de Escuta Ativa: Os gestores devem praticar a escuta ativa durante encontros

com alunos. Deve-se prestar atenção aos sentimentos e necessidades dos alunos em relação a questões escolares ou desafios que enfrentam. Um gestor pode dizer: "Estou ouvindo suas preocupações sobre a carga de trabalho. Você se sentiria mais confortável se falássemos sobre isso juntos?"
Feedback construtivo: Ao fornecer feedback sobre o desempenho do aluno, gestores podem utilizar a CNV. Por exemplo: "Eu percebo que você tem se esforçado, mas gostaria de sugerir que revisássemos algumas áreas que precisam de mais atenção." Isso ajuda a criar um ambiente de crescimento e aprendizado, em vez de crítica.
"A comunicação não violenta não apenas transforma a maneira como nos comunicamos, mas também impacta a maneira como percebemos e nos relacionamos com os outros" (Rosenberg, 2003, p. 14).

RELAÇÃO DA EQUIPE ESCOLAR COM A COMUNIDADE

A relação entre a equipe escolar e a comunidade é um dos pilares fundamentais para a consolidação de uma gestão democrática e participativa. Estabelecer canais de diálogo efetivos, baseados na escuta empática e no respeito mútuo, contribui não apenas para a resolução de conflitos, mas também para o fortalecimento do vínculo entre escola e território. A Comunicação Não Violenta (CNV), nesse contexto, oferece ferramentas fundamentais para a construção de relações mais humanas, colaborativas e horizontais.

Encontros de Diálogo e Troca

Promover espaços sistemáticos de escuta e diálogo com as famílias e demais membros da comunidade — como fóruns, rodas de conversa ou reuniões ampliadas — permite que diferentes vozes sejam consideradas no processo educativo. Utilizar os princípios da CNV nesses encontros favorece a expressão de sentimentos e necessidades sem julgamentos ou acusações, o que contribui para que a comunicação se torne um instrumento de construção coletiva. Por exemplo, a escuta ativa sobre questões como a concentração dos alunos pode abrir caminhos para estratégias compartilhadas de apoio familiar e institucional: "Observamos que muitos alunos estão enfrentando dificuldades para se concentrar. Gostaríamos de pensar juntos em formas de apoio mútuo."

Reconhecimento e Valorização da Participação

A valorização da participação das famílias precisa ir além do reconhecimento pontual; trata-se de incorporar a comunidade como sujeito ativo do projeto educativo. Quando a equipe escolar reconhece e agradece explicitamente a presença, o envolvimento e as sugestões das famílias, cria-se uma cultura de corresponsabilidade. Esse reconhecimento não é apenas simbólico, mas estratégico, pois potencializa o engajamento e o senso de pertencimento: "Agradecemos a todos os pais que participaram da última reunião. Suas contribuições são fundamentais para aprimorarmos nosso trabalho educativo."

Mediação e Prevenção de Conflitos

Os conflitos que emergem na relação escola-comunidade não devem ser ignorados ou tratados como exceções negativas, mas compreendidos como oportunidades de aprendizagem coletiva. A mediação, inspirada nos fundamentos da CNV, contribui para transformar tensões em diálogos construtivos, focando nas necessidades comuns e nas possíveis soluções conjuntas. Um mediador pode agir com neutralidade e empatia, promovendo a reflexão: "Vamos tentar compreender o que está gerando esse desconforto e construir, juntos, uma solução que atenda às necessidades de todos os envolvidos."
Como destaca Nabors (2008, p. 32), "a capacidade de nos comunicarmos de forma não violenta é um pré-requisito para a construção de relacionamentos saudáveis e eficazes em todos os contextos sociais". No âmbito escolar, essa premissa reforça a importância de um posicionamento ético e dialógico nas interações com as famílias, superando práticas autoritárias ou distanciadas.
Nesse sentido, a aproximação da equipe escolar com a comunidade requer investimento contínuo em escuta qualificada, clareza na comunicação institucional, sensibilidade cultural e disponibilidade para o diálogo. A construção de uma escola verdadeiramente democrática passa pelo reconhecimento de que o conhecimento, os afetos e os valores também circulam fora dos muros da instituição — e que a comunidade é parte integrante do processo de ensinar e aprender.
.

A ASSEMBLEIA DE CLASSE COMO INSTRUMENTO DE PARTICIPAÇÃO E GESTÃO DEMOCRÁTICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

A assembleia de classe se configura como um espaço pedagógico de escuta, diálogo e tomada de decisões coletivas, possibilitando aos estudantes o exercício da cidadania e da responsabilidade no cotidiano escolar. Essa prática, quando bem estruturada, contribui significativamente para o desenvolvimento da autonomia, do pensamento crítico e da resolução pacífica de conflitos.

No contexto da Educação Básica, a assembleia de classe assume um papel estratégico na promoção da convivência democrática. Ao proporcionar aos alunos a oportunidade de expressar suas opiniões, sentimentos e sugestões, cria-se um ambiente favorável à cooperação e ao respeito mútuo. Como afirma Paro (2000), "a escola democrática é aquela que, ao invés de impor, constrói com os sujeitos as normas de convivência e as decisões sobre o cotidiano escolar".

Além disso, a assembleia atua como espaço preventivo à violência escolar, pois ao tornar os alunos parte ativa da vida da escola, reduz-se a sensação de invisibilidade e marginalização que muitas vezes alimentam comportamentos disruptivos. Nesse sentido, Vasconcellos (2012) destaca que "a escuta efetiva dos estudantes transforma a escola em um lugar de pertencimento e sentido".

A prática das assembleias deve ser sistematizada e mediada por professores e gestores com sensibilidade para garantir que todos os alunos tenham voz. Deve-se estabelecer um cronograma periódico, normas de participação e encaminhamentos práticos que assegurem que as discussões tenham efeito real no cotidiano da turma. As pautas podem envolver desde questões relacionais (conflitos, bullying, convivência) até aspectos pedagógicos (organização de estudos, sugestões de atividades).

Segundo Luck (2006), a gestão participativa "implica em criar canais reais de escuta e decisão compartilhada, superando práticas autoritárias e burocráticas". A assembleia, nesse sentido, representa um dos canais mais eficazes para institucionalizar essa participação, respeitando o nível de desenvolvimento dos alunos e promovendo uma cultura de corresponsabilidade.

Outro aspecto importante é o papel da assembleia na formação ética e moral dos estudantes. Ao debaterem coletivamente sobre regras, problemas e soluções, os alunos constroem noções de justiça, alteridade e empatia. Para Piaget (1994), "a moral da cooperação só se forma verdadeiramente quando a criança participa de decisões coletivas, compreendendo o sentido das regras que ajudam a construir".

Portanto, a inserção da assembleia de classe no cotidiano escolar representa uma prática pedagógica potente, que articula mediação de conflitos, comunicação não violenta e gestão democrática. Trata-se de um exercício formativo que prepara os alunos para a vida em sociedade, fortalece os laços comunitários e promove um clima escolar mais justo, solidário e participativo.

FORMAÇÃO CONTINUADA DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO PARA A MEDIAÇÃO E A COMUNICAÇÃO NÃO VIOLENTA

A consolidação de uma cultura escolar pautada na mediação de conflitos e na comunicação não violenta exige mais do que boa vontade ou medidas pontuais. Trata-se de um compromisso institucional com a formação ética, humana e profissional dos educadores. Nesse sentido, a formação continuada da equipe escolar revela-se como eixo estruturante para a consolidação de práticas mais dialógicas, restaurativas e democráticas no ambiente educativo.

É preciso considerar que muitos conflitos no cotidiano escolar não derivam apenas de atos isolados, mas estão enraizados em estruturas de comunicação autoritária, ausência de escuta qualificada, desigualdades sociais e falta de preparo para lidar com a diversidade de comportamentos e realidades dos estudantes. Assim, capacitar professores e gestores para o uso de estratégias de mediação e comunicação não violenta significa equipá-los com ferramentas que promovem o acolhimento, a escuta ativa e a corresponsabilização no processo educativo.

Segundo Freitas (2020), a formação continuada voltada para práticas restaurativas deve superar o modelo tradicional de transmissões de conteúdo e priorizar experiências reflexivas, colaborativas e contextualizadas.

A formação, portanto, deve ser concebida como prática social que considera as vivências da escola, os desafios cotidianos e a necessidade de construção coletiva de alternativas pedagógicas e relacionais.

Além disso, é fundamental que os espaços formativos possibilitem a desconstrução de posturas punitivistas naturalizadas, que historicamente associam disciplina ao controle e à repressão. Como destaca Rosenberg (2006), a comunicação não violenta promove uma mudança de paradigma: da imposição para o diálogo, do julgamento para a empatia, do castigo para a responsabilidade compartilhada.

Inserir esse debate na formação docente também contribui para a construção de uma gestão democrática mais sensível aos conflitos e às necessidades da comunidade escolar. Ao se sentirem escutados, apoiados e preparados, os profissionais passam a mediar conflitos não apenas como resposta a crises, mas como ação preventiva e transformadora, fortalecendo vínculos, diminuindo tensões e favorecendo um clima escolar mais saudável.

Portanto, a formação continuada não deve ser um momento isolado ou burocrático, mas parte integrante do projeto político-pedagógico da escola. Investir nessa dimensão é investir na qualidade das relações, na valorização da escuta e na construção de uma escola que educa não apenas pelo conteúdo, mas pela convivência.

A MEDIAÇÃO DE CONFLITOS E A CULTURA DE PAZ NA ESCOLA

A mediação de conflitos, quando aliada à comunicação não violenta e sustentada por formações contínuas, contribui significativamente para a construção de uma cultura de paz no ambiente escolar. Essa cultura vai além da simples ausência de violência: trata-se de promover condições para o diálogo constante, a valorização da diversidade, o respeito mútuo e a solidariedade entre todos os membros da comunidade educativa.

Adotar uma cultura de paz como eixo norteador implica repensar as relações hierárquicas tradicionais dentro da escola, substituindo o modelo vertical e punitivo por um modelo horizontal, que favorece a escuta ativa, o diálogo e a corresponsabilização. A mediação, nesse contexto, torna-se um instrumento educativo por excelência, não apenas para a resolução de impasses, mas como oportunidade de aprendizado ético, emocional e social.

Como afirmam Tiba e Casagrande (2019), a cultura de paz não se constrói por decreto, mas por práticas cotidianas que desafiam modelos excludentes e competitivos. Isso inclui a criação de espaços formais e informais para expressão, escuta e negociação de sentidos. Assembléias, rodas de conversa, projetos interdisciplinares e rituais de reconciliação são práticas que não apenas resolvem conflitos, mas transformam a forma como a comunidade escolar convive, aprende e cresce.

Além disso, trabalhar a cultura de paz na escola contribui diretamente para o desenvolvimento das competências socioemocionais dos estudantes, como empatia, autorregulação e cooperação. Essas competências são fundamentais para a cidadania ativa e para uma aprendizagem significativa. A escola, nesse sentido, torna-se um laboratório ético e social, comprometido com a formação de sujeitos mais justos, autônomos e sensíveis ao outro.

Portanto, fortalecer uma cultura de paz não é tarefa de um único ator ou setor da escola, mas um projeto coletivo que envolve equipe gestora, professores, estudantes, famílias e comunidade. É nessa construção diária que a mediação de conflitos se torna mais do que uma técnica: transforma-se em um princípio pedagógico.

CONCLUSÃO

Diante das reflexões apresentadas, é possível compreender que a mediação de conflitos e a comunicação não violenta (CNV) constituem ferramentas essenciais para a construção de um ambiente escolar mais democrático, acolhedor e promotor de aprendizagens significativas. A mediação, quando integrada à rotina da escola, vai além da resolução pontual de conflitos: ela se configura como uma prática preventiva, capaz de fortalecer os laços entre os sujeitos escolares e fomentar uma cultura de paz e respeito mútuo.

Da mesma forma, a CNV, ao ser incorporada nas relações entre professores, alunos, gestores e comunidade, favorece o desenvolvi-

mento de habilidades socioemocionais e a escuta empática — aspectos fundamentais para uma convivência harmônica. Ao propor observações sem julgamento, expressão genuína de sentimentos, identificação de necessidades e formulação de pedidos claros, a CNV contribui significativamente para o amadurecimento das relações e para a consolidação de um clima escolar positivo.

Promover uma cultura de paz na escola por meio da mediação de conflitos significa apostar em um projeto formativo que ultrapassa a resolução pontual de impasses, alcançando uma transformação profunda nas relações interpessoais e nos modos de convivência. Quando praticada com intencionalidade pedagógica, a mediação deixa de ser uma estratégia de gestão de crise para se tornar um pilar educativo, capaz de inspirar valores como o respeito, a empatia e a corresponsabilidade.

Nesse processo, a escola assume um papel fundamental como espaço de aprendizagem ética e social, onde conflitos não são evitados, mas acolhidos e ressignificados como oportunidades de crescimento coletivo. A cultura de paz, portanto, não é um ponto de chegada, mas um caminho que exige diálogo contínuo, escuta ativa e práticas cotidianas de inclusão e valorização das diferenças. Investir em mediação e comunicação não violenta é investir na construção de uma escola mais humana, democrática e comprometida com o desenvolvimento integral de seus sujeitos. Trata-se de uma escolha ética e política que reafirma o papel da educação como promotora de justiça social e de convivência pacífica.

Assim, é urgente que a escola se reconheça como espaço formador de cidadãos críticos, participativos e conscientes de seu papel na sociedade. Para isso, investir na formação dos profissionais da educação, na escuta ativa dos alunos e no diálogo constante com as famílias são passos fundamentais. A gestão democrática, aliada a práticas comunicativas empáticas e à valorização do convívio humano, deve ser o alicerce de uma escola que educa não apenas para o conhecimento acadêmico, mas também para a vida em sociedade.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa. 39. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LUCK, Heloisa. Gestão participativa na escola. Campinas: Papirus, 2006.

MANTOVANI, Susanna; BONDIOLI, Anna. O cotidiano como espaço de humanização: a experiência educativa da creche italiana. Porto Alegre: Artmed, 1988.

MIGUEL, Maria Elisabeth Barros de Barros. Mediação de conflitos: diálogo como forma de prevenção da violência escolar. São Paulo: Cortez, 2007.

NABORS, Laura A. Creating Safe and Supportive Schools and Fostering Students' Mental Health. New York: Routledge, 2008.

PARO, Vitor Henrique. Gestão democrática da escola pública: o que é e por que é assim. São Paulo: Autores Associados, 2000.

PIAGET, Jean. O juízo moral na criança. 14. ed. São Paulo: Ática, 1994.

ROSENBERG, Marshall B. Comunicação não-violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais. São Paulo: Ágora, 2003.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. Gestão democrática da escola: conceitos e compromissos. São Paulo: Libertad, 2012.

ZINS, Joseph E. et al. Building academic success on social and emotional learning: what does the research say? New York: Teachers College Press, 2004.

FREITAS, Helena C. de. Formação docente e prática reflexiva: desafios para uma escola democrática. Campinas: Papirus, 2020.

ROSENBERG, Marshall B. Comunicação não-violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais. São Paulo: Ágora, 2006.